

Contos de Ou Mun de António Correia

JORGE BRUXO*, LURDES ESCALEIRA**

RESUMO: Esta reflexão permite-nos concluir que António Correia registou, em forma de contos breves, cenas da sociedade de Macau em que, por vezes, participa como autor-narrador, podendo esta obra ser considerada uma radiografia datada da sociedade de Macau com apontamentos autobiográficos, na medida em que ao expor as nuances sociais, também, frequentemente, se coloca a si próprio como personagem interveniente no desenrolar dos acontecimentos e, não raras vezes, dá a sua opinião e interpretação particular dos acontecimentos e comportamentos das personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Macaense; *Contos de Ou Mun*; Tradução.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um breve estudo da obra *Contos de Ou Mun*¹ de António Correia, editada pela primeira vez em 1996, assentando na segunda edição, publicada em versão bilingue português–chinês no ano de 2020, na qual foram incluídos mais cinco contos: ‘Alvorada Intemporal’, ‘Tufão e Bonança’, ‘A Oferenda’, ‘Corrupção Revolucionária’ e ‘Carne de Cão’.

Saiu do prelo pela vez primeira no ano de 1996, sob a chancela de Livros do Oriente, com prefácio de Orlando Neves, recolhendo as narrativas, em forma de conto, da autoria de António Correia, anteriormente publicadas na *Revista Macau*.² Mas a primeira edição não incluiu todos os contos, tendo deixado de fora ‘Alvorada Intemporal’, ‘Tufão e Bonança’, ‘A Oferenda’, ‘Corrupção Revolucionária’

e ‘Carne de Cão’, publicados na referida revista, em Janeiro, Abril, Maio, Setembro e Outubro de 1995.

A segunda edição,³ contém todo o acervo das vinte peças literárias, bem como uma aprimorada tradução em língua sínica, abrindo-se assim às comunidades chinesas e ao vasto mundo de culturas lusas, tendo um novo e artístico grafismo de grande beleza, que torna a obra duplamente aprazível ao leitor. Obra comentada por alguns estudiosos, como Orlando Neves e José Carlos Seabra Pereira,⁴ *Contos de Ou Mun* foi merecedora de reedição melhorada e ampliada, ressaltando-se que a escrita pode qualificar-se de literariamente excelente, baseando-se o presente artigo na segunda edição.

Sendo esta uma versão bilingue importa indagar sobre o processo de tradução e as estratégias usadas para transmitir, de forma o

* Jorge Bruxo é mestre em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade de Macau. Actualmente, é professor aposentado da Universidade Politécnica de Macau.

** Lurdes Escalera é doutorada em Didáctica de Línguas pela Universidade do Porto. Actualmente, é professora na Universidade Politécnica de Macau.

Jorge Bruxo received his M.A. in Portuguese Language and Culture from the University of Macau. Currently he is a retired professor in the Macao Polytechnic University.

Lurdes Escalera holds a Ph.D. in Didactics of Languages from the University of Porto. She is currently a professor in the Macao Polytechnic University.

mais fiel possível, as especificidades da escrita em português e a sua versão para a língua chinesa (chinês tradicional), sendo este binómio linguístico de um completo distanciamento tanto em termos fonéticos como gramaticais. Tratando-se de uma tradução literária, o desafio assume contornos mais exigentes com destaque para a necessidade de o tradutor compreender o contexto histórico, geográfico e cultural para que remete a obra. Neste caso, a tradutora de *Contos de Ou Mun* é detentora de características especiais, bilingue e bicultural, reflectindo-se numa tradução de elevada qualidade e fiel ao espírito do original.

Esta colectânea de vinte peças literárias com diferentes personagens, algumas delas aparecendo em mais de um conto, alcança uma unidade em que a figura maior é a própria cidade de Macau, personagem colectiva central, omnipresente e retratada em perspectivas várias de que são inseparáveis o autor-narrador e as suas circunstâncias, numa visão autodiegética e simultaneamente de crítica não negativista, por vezes um pouco mordaz e eivada de fina ironia. São retratadas situações, lugares e pessoas com vidas sofridas em que se enxergam muitos tipos de reacções e resiliências individuais e sociais nesse pequeno microcosmo que era a Macau dessa época, o último quartel do século XX.

Em *Contos de Ou Mun*, '[o] título sugere o que depois efectivamente se depara no livro: breves narrativas realistas de espaço e de costumes, onde uma personagem telúrica e colectiva avulta por detrás ou em torno das demais personagens individuais e grupais — a cidade de Macau [...]'.⁵ Orlando Neves acrescenta que '*Contos de Ou-Mun* não são uma obra local. Participam, exemplarmente, de uma reflexão universal'.⁶

Estas narrativas pictóricas romanceando traços individuais e sociais de evidente realismo, por diversas vezes eivado de poesia, retratando Macau num determinado tempo histórico com

personagens chinesas, portuguesas, macaenses e outras como russas ou vietnamitas, para além do seu valor literário, constituem um contributo assinalável para a compreensão da história social dessa época no minúsculo território chinês, então sob administração portuguesa.

OS CONTOS, CONTO A CONTO — 'ALVORADA INTEMPORAL'

'Alvorada Intemporal' debruça-se sobre a viagem inaugural do autor-narrador na travessia nocturna entre os portos de Hong Kong e de Macau. Neste ambiente de negrume e luz coada o autor segue caminhos sobretudo introspectivos.

Gemendo sua velhice, o *ferry* termina a fluvial travessia atracando no Porto Exterior, onde o narrador desembarca num tosco barracão de madeira, similar ao da cidade de partida e os dois dignos dos melhores cenários do *Far West* americano.

Durante a interminável viagem António Correia evoca, no seu íntimo, a memória dos portugueses de antanho, como Jorge Álvares e Tomé Pires, que o antecederam nas aventuras ultramarinas e fica roído pela saudade da família deixada em Lisboa. É nesse ambiente que conhece Zé Salvado, um velho colono que se dá a conhecer, lhe relata a sua aventura de vida e, de imediato, o convida para almoçar em sua casa, circunstância que vai originar matéria para o conto 'O Arroz Está Caro'. Aliás esta personagem surge em vários contos, embora em alguns apenas de raspão. O auto-retrato exibido por Zé Salvado, além de realismo no traço, tem outrossim o mérito de nele se poderem rever vários outros 'zés-salvados', presos entre as amarras das pessoas e locais dos seus passados juvenis e as âncoras lançadas na terra macaense aonde seus fados os conduziram.

De referir que Salvado se apresenta como pai de quinze filhos, alguns já casados e com descendência, mas três deles 'ainda pequenos... até uma pequenita

RECENSÃO

que é um encanto e tem seis meses'.⁷ E é por causa dessas amarras familiares que parece nunca mais querer voltar a Portugal.

'TRÊS DÓLARES'

'Três Dólares' retrata episódios característicos da chegada, pela vez primeira, de um português europeu a Macau nos idos da segunda metade do século passado, recordando que o nosso escritor aportou à terra da Deusa A-Má no ano de 1980, já depois da inauguração da Ponte Nobre de Carvalho (Outubro de 1974) e dos efeitos da realidade política vivida em Portugal e em Macau em consequência do 25 de Abril de 1974.

Os diálogos em busca de um hotel são travados, numa mistura de português, cantonense e inglês, entre o narrador e o condutor de um riquexó. O equívoco das palavras, especialmente da palavra dólar, que em Macau significa tanto a moeda americana como a local pataca ou o vizinho dólar de Hong Kong, conduzia a situações equívocas e, por vezes, burlescas, como a descrita neste conto.

O ambiente matutino descrito a partir de uma janela do Hotel Sintra é emoldurado de formas poéticas, como aquelas de um amanhecer com 'uma estrada de luz'.⁸

O autor pinta-nos quadros paisagísticos dos tempos da sua primeira chegada, onde se vislumbram traços poéticos do poeta que Correia nunca deixa de ser, mesmo quando se socorre da prosa para construir a sua obra. Nesses quadros podemos ver, nomeadamente, o exótico Hotel Lisboa, os palácios do governo e das repartições, o Hotel Bela Vista, tudo encimando a Penha com a sua capela desventrando o céu.

Tal como Jaime do Inso, Camilo Pessanha e outros, também Correia se sente imediatamente seduzido e dominado por este Oriente. Para além do autor-narrador que intervém em diálogos directos, do condutor de riquexó e do administrador da

empresa que contratara o primeiro, também já surge Macau como personagem colectiva evidente que, perpassando em todas as peças do livro, vai ser afinal a personagem mais retratada e dominante do primeiro ao último conto desta obra literária.

'O ARROZ ESTÁ CARO'

'O Arroz Está Caro' descreve cenas da recepção franca e calorosa de portugueses radicados em Macau ao autor, abrindo os braços aos que se atrevem a imitá-los, aventurando-se nessas terras a que o destino os conduziu e a que se apegaram porventura para sempre.

Zé Salvado é, em linguagem ainda dessa época, um velho colono, que à sua humilde casa, qual velho palacete brasonado em terras lusitanas, leva o recém-chegado a quem oferece um lauto almoço com a presença de outros convidados, igualmente portugueses radicados que assim atestam o relevante *status* social desta picaresca personagem. Apresenta uma ementa com pratos da tradicional culinária portuguesa, mas que são já resultado da mestiçagem cultural com os sabores do Oriente. Os demais convidados, com convivialidade crescente em consonância com o esvaziamento dos garrafões, eram: Comissário Xico Pereira, ainda no activo da Polícia Marítima, Carlos Mouraria, também com vasta prole e Filipe Mendes, pesado e calvo. Tudo personagens que viviam à sombra da administração pública e geralmente pertenciam à classe média-baixa do funcionalismo público.

Salvado recorda a sua vivência do 'Um, Dois, Três', um evento histórico relacionado com o movimento dos guardas vermelhos na China e que por pouco não colocou nessa altura um ponto final à presença da secular administração portuguesa desse minúsculo território chinês. Nesta evocação, culpa por igual chineses e portugueses e dentro destes os comissionistas, isto é, aqueles que apenas ficavam em Macau os dois ou três anos de uma comissão

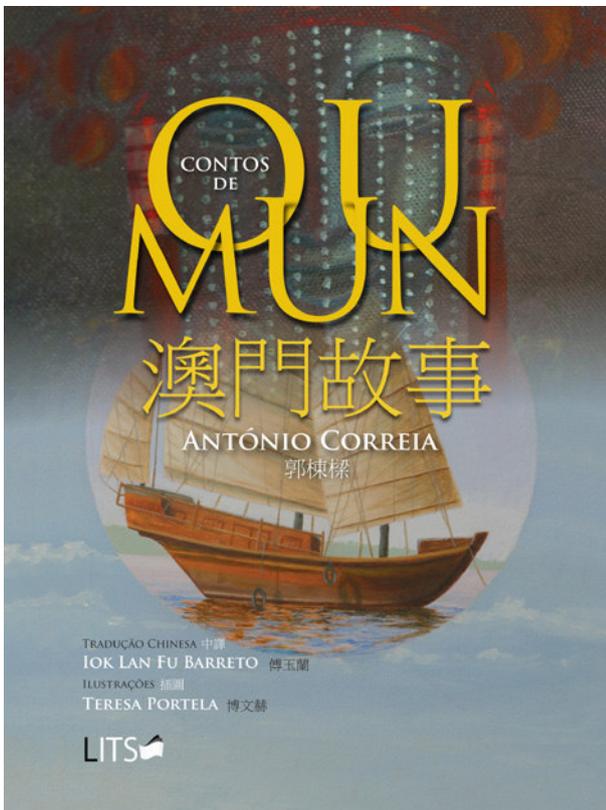


Fig. 1: Capa do livro *Contos de Ou Mun*.

de serviço, ou seja, aparentemente aqueles que aí foram só movidos por outros interesses e nunca se apaixonaram por Macau. O autor-narrador lembra-se dos tempos vividos em Angola, especificamente em N'Riquinha no Cuando Cubango, onde o capitão da sua companhia militar lhe falara dos episódios por ele vividos em Macau, no 'Um, Dois, Três', em 1966 e 1967.

Na casa de Zé Salvado, em Coloane, este vive com a filharada, com A-Chan com quem é casado e com A-Mei, sua segunda mulher. Pretendia ele que uma terceira, Mui-Mui, se juntasse ao seu harém, mas A-Chan não permitia porque 'o arroz está muito caro!'.⁹

'TUFÃO E BONANÇA'

'Tufão e Bonança' descreve os avisos e sinais de

tufão, uns emanados da mãe natureza e outros obra do homem, como os programas da Rádio Macau que incitavam vivamente os ouvintes a recolherem-se a casa e a prepararem-se para a iminente chegada de ventos em fúria diabólica e chuvadas a potes. O narrador, inexperiente nas coisas de Macau, desvalorizou a tragédia anunciada e na avidez de perscrutar os segredos da terra ousou meter-se no seu automóvel e passear-se pelas ilhas. Ao atravessar a Ponte Nobre de Carvalho, o portageiro, além de lhe cobrar a taxa devida, bem o avisou da iminente borrasca e do fechamento da ponte ao trânsito. Mas, ao tudo dizer em lindo cantonense, o aviso entrou-lhe por um ouvido e saiu-lhe pelo outro, situação que alguns comentam com a expressão *foi tudo música celestial*.

A violência do tufão, qual juízo final, levou-o a procurar abrigo em vários locais e, por fim na única instalação hoteleira então existente nessas pequenas ilhas: a Pousada de Coloane. Aí chegado, ou melhor, chegado à entrada do escarpado caminho conducente à porta da recepção, haveria de não poder subir a rampa no seu carro, dado que uma árvore se tinha atravessado no caminho por haver sido derrubada pela ciclópica ventania que, ainda por cima, parecia rir-se com o silvar da sua fúria dantesca. A subida a pé foi um calvário com múltiplas estações, desde a intensa chuva, à queda de mais uma árvore, desta vez em cima do tejadilho do carro acabado de estacionar. Os perigos e ameaças à vida do aventureiro, que nesse transe rezou a todos os santinhos, só cessaram quando se pôde vingar com valentes murros na porta da pousada, na ânsia de que alguém misericordiosamente lha viesse abrir. E, surpresa das surpresas, eis que do outro lado lhe surge uma chinesa já sua conhecida: A-Mei, a segunda mulher de Salvado, que sob protecção da recepcionista sua familiar se acoitara na pousada, para aí aguardar a chegada do seu primeiro marido, que tinha aproveitado o momento de falta de

RECENSÃO

vigilância da fronteira entre Coloane e a chinesa ilha da Montanha para nadar a coberto da borrasca e imigrar ilegalmente para Macau.

O conto termina com o regresso da bonança e com a sua promessa de não revelar a ninguém, especialmente ao Zé Salvado, este encontro com A-Mei e com o seu legítimo marido.

‘A OFERENDA’

‘A Oferenda’ relata o convite de Salvado para a comemoração do seu aniversário natalício, a que gostaria de se escusar por causa do segredo que guardava relativamente a A-Mei, mas se vê forçado a aceitar pela insistência das duas mulheres do anfitrião, que consideravam muito importante a sua presença na cerimónia que iriam celebrar no Templo da Deusa A-Má e seguidamente no almoço de aniversário. Finalmente, o narrador acedeu ao convite e prometeu a si próprio chegar mais cedo ‘para ver bem por dentro o sítio onde Macau nasceu’¹⁰ e A-Má se deificou, subindo o pitoresco monte, a sagrada colina do vento e do fogo, desapareceu nas nuvens e ascendeu ao céu.

A-Mei é descrita como ‘linda de um homem se perder, beleza rústica, olhar inocente e ausente e com sorriso enigmático de chamamento à utopia de a sentirmos misteriosamente divina’.¹¹ Ninguém poderia imaginar que um ser, a quem Zé Salvado só encontrava virtudes, pudesse ter uma vida dupla, mas o autor-narrador consegue compreender que esta mulher tenha sacrificado o seu verdadeiro amor, o jovem chinês seu legítimo marido, em busca de uma situação que lhe permitisse sobreviver e augurar melhor futuro. Esta cena é uma oportunidade para introduzir a temática da imigração clandestina para Macau, com o aproveitamento, pelos patrões, das necessidades do ‘outro’, emigrantes indocumentados que viviam na sombra e atormentados com a possibilidade de serem apanhados nas rusgas policiais e conseqüente recambiamento forçado para

o Interior da China.

Tendo chegado ao também denominado Templo da Barra antes da hora aprazada, admirou os edifícios aí existentes, embebecendo-se com o comportamento dos fiéis e admirando os altares, decorações e alfaias religiosas, comparando o que observava com aquilo que conhecia dos templos e da liturgia católica.

Quando mais tarde se reuniu com o seu amigo Zé Salvado, as duas mulheres deste estavam absortas nas rezas que nenhum deles percebia e em que apenas participavam como observadores. Tinha decidido manter segredo e não revelar nada sobre A-Mei, porque Belinha, a inocente bebé fruto deste relacionamento entre A-Mei e Zé Salvado, não tinha culpa de nada. Quando tudo parecia estar tranquilo e sem que nada o fizesse anunciar, após o cerimonial religioso orientado por A-Chan, A-Mei entrega Belinha ao pai e vai embora sem dar nenhuma explicação, deixando Zé Salvado atónito e, eis que, A-Chan revela que será o autor-narrador, a pedido de A-Mei, a ter de explicar o mistério da partida súbita de A-Mei. É então que realiza que tudo o que sofreu e lutou para guardar segredo e não contar ao amigo Zé Salvado é muito pouco quando comparado com o que irá sofrer ao ter de revelar o segredo e explicar os motivos que levaram a bela A-Mei a abandonar a filha, ainda bebé, e também o Zé Salvado.

Este conto remete para vários problemas sociais vividos naquela época em que Macau era procurada por chineses vindos clandestinamente da China em busca de um sonho e que aqui eram explorados por patrões sem escrúpulos e forçados a tomar decisões que iam contra os seus sentimentos, mas que lhes permitiam sobreviver, e que, por vezes, se tornavam de tal forma insuportáveis que os levavam a romper com as amarras e a enfrentar as conseqüências. E, por outro lado, revela-nos certas similaridades entre religiões e a sua resposta às angústias da alma humana, bem como sobre situações poligâmicas

existentes em Macau e socialmente aceites apesar de não terem expresso enquadramento jurídico.

‘DEMASIADO TARDE’

‘Demasiado Tarde’ inicia-se no restaurante japonês Furusato com pratos japoneses acompanhados com um refrescante vinho verde e tudo servido por chinesas vestidas à japonesa. Zé Salvado, apesar de afirmar não sentir a partida de A-Mei, bebe para afogar as mágoas e confessa ao autor-narrador achar natural que A-Mei o tenha deixado, mas que não consegue entender como ela foi capaz de ‘enjeitar a criança’.¹² Inebriados pelo néctar dos deuses, Salvado conduziu o convidado para o Mermaid, paredes-meias com o Furusato, onde músicos filipinos punham toda a gente a dançar, criando uma atmosfera irreal. É aqui que o autor nos fala do aquário, uma verídica mostra em que jovens prostitutas ficavam horas a fio atrás de um vidro, cada uma delas ostentando um número que a *ma ma san*¹³ chamaria quando um cliente a elegesse.

António Correia consegue captar as nuances do local e da orgia social¹⁴ como que revelando o estado de alma de quantos ali se dirigiam para exorcizar ‘fantasmas que moram no subconsciente’.¹⁵ Aquele era um lugar onde até as famílias iam divertir-se, mas em que não havia misturas.

Após episódios diversos em que Salvado várias vezes mudou de acompanhante e também ordenava insistentemente ao autor-narrador que fizesse a sua escolha, este respondeu que apenas aceitaria a *ma ma san*, ao que aquele ripostou que isso era impossível.

António Correia acabou por regressar ao quarto maldisposto e com a cabeça às voltas. E ainda sem ter conseguido adormecer, pelas seis da manhã, a *ma ma san*, de quem anteriormente tinham dito ser namorada do chefe e não poder atender clientes, bateu-lhe à porta toda adornada e maquilhada, desatando a despojar-se de roupas e cosméticos, transformando-se num fantasma encoberto e, foi

então que o narrador, perante o avanço desta, lhe afirma que veio ‘pelo menos trinta anos tarde de mais!’.¹⁶

Conto breve que descreve de forma intensa e vívida uma realidade social complexa, uma amálgama de seres humanos, captando a essência de cada pedacinho de tempo e de cada um dos personagens individuais e colectivos, insistindo na temática da barreira linguística.

‘SORRY’

‘Sorry’ gira à volta do carro estacionado em rua próxima da primeira casa do autor-narrador em Macau. Ficava para os lados da Ermida da Penha, nas vizinhanças do então Convento das Carmelitas, o que lhe dava um ar de serenidade e segurança e daí não acreditar no falatório de que havia frequentes assaltos a casas e a automóveis e que estes eram perpetrados mesmo com os residentes no seu interior. Dá-nos conta de um hábito, ainda usual nos dias de hoje, em que há grades nas janelas e uma porta de madeira e outra de ferro na entrada dos apartamentos. Chama novamente a atenção para a presença de imigrantes clandestinos os quais eram alvo de uma certa hostilidade e geralmente mencionados como culpados de muitos delitos.

O enredo gira à volta de um chinês que, pela manhã, apanhou em flagrante a tentar roubar-lhe o rádio e o leitor de cassetes do automóvel e sorridente apenas lhe dizia repetidamente ‘*Sorry! Sorry!*’. O polícia que rondava perto fez ouvidos de mercador e afastou-se. Perante isto e ao ver que ‘o homem era um lingrinhas, cara de fome, descalço e de camisa e calções sujos e rotos’¹⁷ decidiu não o entregar à polícia. Mas pouco depois da meia-noite, alguém voltou a assaltar-lhe o carro e, por isso, dirigiu-se à esquadra policial, acabando por descobrir que afinal o meliante era um imigrante clandestino, entretanto já detido e que continuava a sorrir-lhe e apenas dizia ‘*Sorry! Sorry!*’.

RECENSÃO

Relativamente à incredulidade do autor-narrador os polícias achavam natural que o chinês tivesse voltado a repetir a tentativa de furto, porque não o tinha denunciado aquando da primeira vez. E perante a questão de saber por que motivo o larápio assaltou o mesmo carro pela segunda vez, o subchefe da polícia respondeu que ele teria pensado não valer a pena correr riscos porque como para o ora queixoso era bastante dizer *sorry* e tudo ficaria solucionado.

Conto de aparente simplicidade, mas que discorre sobre temas como a segurança e os agentes policiais numa sociedade multicultural, preconceito e infelicidade dos imigrantes clandestinos e a aparente pacatez de Macau.

‘CARNE DE CÃO’

‘Carne de Cão’¹⁸ é simultaneamente um hino à dignidade da vida animal e retrato de ancestrais práticas que hoje se reprovam e são incompatíveis com a compaixão que os homens devem votar aos animais, reduzindo ao máximo os seus sofrimentos e pondo de parte bárbaros comportamentos mantidos desde a noite dos tempos. Narrativa preme de poesia, do começo ao fim, inicia-se como um canto à vida, mesmo para um ser à beira de uma muito provável morte anunciada. É um exercício íntimo entre a consciência e a memória, confessando-se o salvador beneficiário número um do acto salvífico.

De seguida, mergulha na realidade macaense, com ruas peçadas de gente num ambiente quase fantasmagórico de *neons* vermelhos num acender e apagar etéreo. Na Rua da Felicidade, uma das vias mais exóticas, se não a mais exótica de Macau, à porta dos restaurantes chineses exibiam-se enjaulados animais com promessa de conversão em petisco, todos caros e alguns bem raros, como rãs, crustáceos, raposas, pangolins, texugos, cobras, serpentes, cães e até macacos. Todos aguardavam uma morte cruel para satisfazer a gula de convivas

que os degustavam em pantagruélicos rituais a que não era alheia a presença de Baco.

São descritas cenas como as do cobreiro escolher a cobra que vai imolar ao cliente e, após o assentimento deste, abri-la de alto a baixo, extrair-lhe a veia longitudinal e verter o sangue num copo, misturando-o com vinho de arroz, logo ali bebido de um trago. De seguida o cliente dava murros no peito para exhibir a sua satisfação, pagava a conta e seguia caminho. A carne irá ser cozinhada em tradicional sopa de cobra aprimorada com pétalas de crisântemo.

Lamentando-se recorda outras bárbaras e bizarras práticas, como esfolar animais vivos, referindo ter visto perdizes e rãs nessa situação. Mas pior do que isso é o desumano petiscar miolos de macaco ainda vivo, amarrado numa mesa circular com um buraco ao centro, sendo-lhe cortado o crânio e deixados os miolos à vista. Sobre estes era deitado óleo fervente, após o que os bárbaros comensais punham em acção seus *faichis*.¹⁹ Petisco para ricos, pois ficava pelos olhos da cara! Esta descrição não foi vivida pelo narrador. É por ele imaginada, muito embora ainda real naquele tempo!

O cerne do conto é a sentida compaixão que o narrador nutre pelo cão, cujo único pecado era o de ter língua preta, amarrado à porta do restaurante, verdadeiro corredor para a morte. Esta compaixão e o subsequente amor pelos animais surgem nesta e noutras obras do autor.

Ao assistir à pretensão de um freguês ofertando duas mil patacas para saborear a carne desse cão, o narrador sobe o lanço em mais mil patacas e assim libertou do carniceiro um dos mais fiéis amigos do homem desde os brumosos tempos do neolítico.

Ao leitor se pede atenção para a beleza e profundidade de muitas frases, verdadeiras jóias literárias, como por exemplo: ‘o amor não tem relógio para marcar o tempo’²⁰ e ‘cordas violadas por *pei-pa-chais* misteriosas e invisíveis’.²¹

‘PENA MAIOR’

‘Pena Maior’ é o conto onde explicitamente assume a sua faceta de advogado, não podendo a sua escrita ser considerada uma completa efabulação, mas antes uma pintura do real adornada com alguns enfeites literários de características romanescas. No exercício do seu múnus profissional, desloca-se ao estabelecimento prisional de Macau para, na qualidade de defensor oficioso, inquirir um prisioneiro e assim obter elementos que ajudassem à sua defesa. O preso é um jovem chinês de cerca de vinte anos e, através de intérprete, respondeu assertivamente que era culpado, ao que o advogado aconselhou que então ‘nesse caso o melhor é confessar os factos e mostrar arrependimento’.²²

Enfatiza-se a dificuldade de comunicação em Macau, onde o português era a única língua oficial e a maioria da população apenas falava cantonense. Destaca-se, ainda, o papel do intérprete, nomeadamente na administração da justiça, figura indispensável para estabelecer a comunicação entre administradores e administrados e tornar possível que Macau funcionasse com normalidade.

Sublinha-se a descrição do tempo calmo vivido nessa época em Macau. Tempo com tempo para se sorver o ambiente. ‘Só o Palácio das Repartições, especado ali, na curva da baía, nos quebrava o idílio e nos marcava o compasso das horas e da vida, porque nele moravam as Finanças, a Economia e a Justiça e era sobretudo esta que nos prendia ao calendário’.²³

Mas, foi nesta aparentemente pacata cidade de Macau, que aquele ‘rapaz com cara de anjo e alma de demónio’²⁴ atacou uma jovem e a violentou com rudeza e violência. No julgamento continuavam as dificuldades de comunicação com o intérprete a ficar em silêncio perante a aparente impossibilidade de traduzir a lengalenga que o réu repetia e que depois do juiz insistir, lá foi dizendo que o réu só repetia que era culpado de tudo, que não estava arrependido de nada, que se tivesse oportunidade ainda faria

pior e que queria uma pena grande. Perante esta confissão e com a vítima e a única testemunha em consonância na sua descrição dos factos, o jovem com aparente alma de demónio foi condenado a cinco anos de prisão, levando-o a desatar num choro agonizante porque dizia querer uma pena maior. Não percebendo nada, mas constatando não existirem indícios de que sofresse de qualquer distúrbio mental, o autor-narrador, na qualidade de advogado, acedeu conversar com o rapaz, sem a presença do intérprete oficial, mas tendo um familiar que falava inglês como intermediário, ficando a saber que o réu não tinha documentos e, logo que cumprida a pena, iria ser recambiado para o Interior da China onde pairava sobre ele a iminência de lhe ser aplicada a pena de morte e, por isso, apesar de não ter cometido nenhum crime em Macau, queria ter uma pena o maior possível, porque não queria morrer tão jovem. É aí, que se fica a saber que vítima e testemunha estavam a simular e a arriscar ser presos por falso testemunho em juízo, apenas para ajudar o seu amigo. Então, o rapaz com cara de anjo e aparente alma de demónio, aos olhos dos ouvintes transformou-se num jovem com rosto e alma de anjo, e ‘até a baía virou triste, embrulhada no nevoeiro denso que veio afugentar as gaivotas’.²⁵

‘SERVIÇO GRATUITO’

‘Serviço Gratuito’ tem como personagem central uma bonita e jovem senhora chinesa que após ser posta na prisão é, mais tarde, julgada em tribunal. E porquê? Porque servindo-se dos seus belos atractivos facilmente convenceu o ofendido a segui-la até ao seu apartamento, onde foi barbaramente espancado e aí retido até os seus familiares pagarem o resgate pedido pelos agiotas dos empréstimos em que ele se afundara. Esta era a versão motivadora da prisão e do subsequente julgamento.

Nem a indumentária prisional nem a abstinência de jóias e perfumes impediam a evidência

RECENSÃO

da esbelta beleza da prisioneira. ‘A cara era linda, de deusa ou fada, mas as suas mãos, de tão finas e esbeltas, pareciam mesmo divinas e seguramente incapazes de provocar dano ou dor’.²⁶

Na audiência, sem a presença do ofendido ausente de Macau, a defesa apresentou uma diferente versão dos factos, escorada em prova testemunhal suficiente para o veredicto do tribunal ser a absolvição. Esta consistia em a ré e o ofendido serem amantes e esta sofrer de maus-tratos do marido.

As testemunhas declararam compreender este caso amoroso e terem prestado auxílio ao ofendido quando este se atirou do apartamento da ré, no quinto andar do prédio, porque inesperadamente o marido que estava ausente na China apareceu, dando sinal pelo barulho na fechadura da porta.

Absolvida a ré, o marido desta, com aspecto de comerciante chinês bem-sucedido, compareceu no escritório do advogado para agradecer os serviços prestados. Referiu que a nova versão dos factos era da sua autoria, mas queria pagar o excelente trabalho forense, porque o advogado tinha convencido o tribunal que esta era a verdade. Perante a recusa do advogado que argumentava nada ter a receber, porque tinha agido como defensor oficioso, o marido da ré respondeu: ‘Eu não queria ofender, senhor advogado... mas fica aqui com um amigo. Se algum dia precisar de mandar matar alguém, é só dizer... serviço gratuito também!’²⁷

‘A FUNCIONÁRIA PÚBLICA’

‘A Funcionária Pública’ retrata uma certa Macau envolta em ignorância quase oficial, à volta de prostíbulos e casinos, lugares de prazer e perdição, com actividades na área cinzenta da semi-clandestinidade. Conta a história de uma velhota destroçada, mas pueril, uma sem-abrigo poeticamente descrita, um farrapo humano no seu mundo fantasiado, sobrevivendo uma pretensão de ainda querer continuar a ser bonita, fazendo vénias

e sorrindo. ‘Qual o segredo daquele sorriso?’²⁸ inquiriu o autor-narrador, descobrindo que a velhota foi em tempos uma serva da gleba nos arrozais do Sul da China, vendida e revendida para cantadeira de uma ‘casa de flores’ da Rua da Felicidade por muitos frequentada, nomeadamente por soldados lusos e nipónicos, estes últimos durante a chamada Guerra do Pacífico.

Apesar de espoliada pelas *ma ma sans*, chegou a ter algum dinheiro e até uma casa, mas agora esmola e, abrindo a alma ao narrador, suplica-lhe que peça ao governo que lhe conceda uma pensão de aposentação como funcionária pública, que ela considera ter sido, servindo e consolando muitos soldados portugueses e pagando impostos, o que comprova com a caderneta, como ela velha, sebenta e amarrotada, emitida pelo Leal Senado, autorizando-a a exercer a mais velha profissão do mundo.

‘CORRUPÇÃO REVOLUCIONÁRIA’

‘Corrupção Revolucionária’ caracteriza o ambiente à beira da anarquia vivido em Portugal nos anos de 1974 e 1975. Tempo em que alguns visionários encheram ruas com gritos, como ‘nem mais um soldado para as colónias’,²⁹ enquanto nas antigas terras africanas de Portugal emergia uma eruptiva sociedade de ódios e tribalismos renascidos. Quim, o personagem central desta estória, completou vinte e sete primaveras no ano da revolução. Com automóvel, dinheiro do papá e sangue na guelra, o nosso jovem, como muitos ‘meninos-bem’, engrossou as hostes da extrema-esquerda, e sem frequência às aulas lá foi fazendo passagens administrativas. Após o 11 de Novembro, ele, tal como muitos outros, virou a casaca e inscreveu-se em partidos que antes apodava de anti-revolucionários, burgueses e até fascistas. E reiniciou o carreirismo político voluntarista. Isso lhe valeu um lugar de assessor de certo ministro do governo e um convite para uma comissão sita em

BOOK REVIEW

Macau, que aceitou na mira de mais uma etapa que o catapultasse a lugares mais altos.

Em Macau, começou a namorar uma chinesa e rapidamente esqueceu a militância de esquerda, começando a adaptar-se à vida nestas paragens. Certo dia, numa tasca chinesa, ouviu a conversa de um ex-funcionário público que se gabava de ter conseguido enriquecer apenas porque aceitava tudo que lhe davam, porque ele trabalhava devagar para dar azo a que lhe enchessem os bolsos com o objectivo de fazer o favor de acelerar os processos. Quim ficou chocado e prometia a si mesmo denunciar o caso, mas a namorada tentou explicar-lhe que tudo isso era norma em Macau e ainda lhe sugeriu que fizesse o mesmo para arranjar dinheiro e se casarem. Quim ficou aborrecido e envolveram-se em troca de argumentos em que a namorada o acusa de ele já ter vendido a alma quando abdicou dos ideais proletários e assumiu uma carreira política ao serviço da burguesia. No final, Quim decidiu catequizar a namorada e como ela passou a dizer a tudo que sim, convenceu-se que a namorada tinha mudado de mentalidade.

Quim foi posto à prova quando perante queixa de dois importantes empresários chineses ele conseguiu resolver tudo com uns telefonemas. Por isso, os interessados agradeceram-lhe e entre sorrisos e elogios entregaram-lhe um envelope vermelho (*lai-si*) cheio de dinheiro que ele prontamente recusou dizendo que não poderia aceitar tal oferta. Mas, os cidadãos não aceitaram a recusa e, através da namorada, que servia como intérprete não oficial, disseram que era ofensivo recusar.

Quim ficou perturbado e foi contar ao governador que o aconselhou a devolver o dinheiro, mas ele sugere que seria melhor depositá-lo na Fazenda Pública. O governador rejeitou por se tratar de dinheiro sujo e decidiram que o Quim iria chamar os dois empresários e devolver-lhes o dinheiro. Mas, Quim exibiu selos fiscais no valor

da oferta e incinerou-os à frente do governador e dos dois empresários e, com esse acto, ficou com a consciência tranquila, pois de certa forma devolveu a maquia ao erário público. Após esta cena o governador continuou perorando sobre honestidade, os empresários pediram desculpa, e Quim fez as pazes com a sua consciência, mas a namorada não conseguiu entender esta atitude de Quim e descartou-se dele.

‘PEQUENA FLOR VERMELHA’

‘Pequena Flor Vermelha’ desenrola-se em Macau e Lisboa, sendo uma das narrativas mais poéticas de toda a compilação, que o livro é. É o discreto perfume vermelho das acácias rubras que motiva a eleição das palavras ‘Siu Hong Fa’ (Pequena Flor Vermelha) para nome da menina chinesa, que vai para Lisboa estudar português e aí descobre o seu príncipe encantado, Quim, boémio estudante de Arquitectura, atraído e rendido à beleza e graça do Oriente.

Após este ter concluído o curso de Arquitectura, o casal regressa a Macau já com uma filha nos braços, mas o pai de Fa expulsa-a de casa sem sequer aceder a ver a neta. Em silenciosa anuência, a mãe aprova a decisão do marido e a Pequena Flor Vermelha compreendeu que a condenação dos pais era pior do que ter casado em segredo e ter gerado uma vida.

O casal iniciou a sua vida em Macau e, sempre com o apoio da esposa, Quim tornou-se um homem trabalhador e dedicado à família, e pouco tempo depois abandonou o funcionalismo público e abriu o seu próprio escritório de arquitectura.

Apesar do sucesso, ela não estava totalmente feliz e confessa ao marido que gostava de casar. Quim entende que o casamento pelo civil e perante o padre, celebrado em Portugal, pouco valiam na China e, por isso, aceitou submeter-se aos rituais do casamento chinês, apenas por amor e para que a esposa fizesse as pazes com a sua gente.

RECENSÃO

A elegância e a musicalidade da escrita transportam-nos para o encontro entre as culturas portuguesa e chinesa, recorrendo a expressões densas e breves, mas que encerram um profundo significado e trazem à tona as diferenças, mas também os espaços de encontro entre o Oriente e o Ocidente, como no caso em que o pai de Fa, em segredo, consegue trazer os pais de Quim para o casamento e perante estes faz as pazes com a filha e pede para conhecer a neta.

Estas histórias de casamentos mistos não consentidos pelos progenitores eram frequentes em Macau e nem sempre com um final feliz.

‘MY CLUB’

‘*My Club*’ tem um núcleo central resultante de um equívoco linguístico entre um português, Xico Serra, e uma chinesa, A-Chan.

Xico é um mulherengo, folião e aventureiro, que deambulou alguns anos na tropa em Moçambique, onde deixou alguns filhos de várias mães pretas, e na Índia onde constituiu família e foi promovido a segundo-sargento. Expulso de Goa e do exército, veio parar a Macau, onde acabou por viver com uma imigrante ilegal vinda dos arrozais vizinhos à procura do *el-dorado* e aqui passou a viver reclusa na casa de Xico, como mulher para todo o serviço, que ele tratava bem e chamava de sua secretária, não deixando de se perder por outras mulheres. Como benfiquista ferrenho, para ele a prioridade máxima era o Benfica.

Na década de setenta do século passado começaram a ser feitas emissões televisivas de Portugal para Macau, transmitindo, por vezes, jogos de futebol em directo, que Xico procurava sempre visionar, de preferência na companhia de amigos. Raramente perdia um jogo, fosse ele transmitido à meia-noite ou às cinco da manhã, em resultado da diferença horária. E nunca perdia o espectáculo futebolístico se jogasse o seu glorioso Benfica.

A partir de certa altura esses serões com amigos ocorriam no vigésimo quinto andar do seu prédio, onde morava um solteirão seu amigo.

Ele, o Xico, não sabia chinês e de inglês apenas umas poucas palavras. Ela, A-Chan, não sabia português e lá foi aprendendo umas palavritas de inglês, mal pronunciadas, escutadas da televisão de Hong Kong. O gesto era o desenrascanço e supria as lacunas da expressão verbal, embora ambos tentassem comunicar com o pouco inglês que sabiam, por vezes embrulhado em chinês, mas sempre pequenas frases, tais como as que A-Chan lhe sussurrava em busca de momentos de intimidade e as que ele lhe retorquia para se desculpar e fugir às carícias e aos apelos dela. É neste ambiente de pedidos, promessas adiadas e fugas que Xico se despede de A-Chan com um ‘tonight I come back for my club’.³⁰ A expressão ‘*my club*’ é entendida por A-Chan como ‘*my love*’ e por isso ela se banha e desnuda esperando o seu homem que chega, perto das quatro da manhã, com os companheiros de futebol e da sueca.

O resto é o desenlace desta equívoca situação através da qual o autor destaca as dificuldades de comunicação entre pessoas de diferentes culturas que vivem juntas durante anos a fio.

‘A MIELAS’

‘A Mielas’, que neste conto significa a meias, abre com o Lok-Un, o improvisado *Moulin Rouge* da Macau da década de sessenta e seguintes. Um *cabaret* implantado na Taipa e muito semelhante ao descrito em ‘Demasiado Tarde’: músicos filipinos, aquário e todo o tipo de pessoas.

Casimiro (Miro), solteirão militante, acaba por ir aí buscar a fonte da sua desgraça. À custa de ostentação da riqueza que não tinha, conquista Dina, a bela cançonetista, que vai viver com ele e abandona a vida de cantora de *cabaret* e o músico que com ela vivia.

BOOK REVIEW

Os constantes pedidos de jóias, perfumes e vestidos lançam Casimiro na miséria e no descrédito, tudo lhe levando inclusive o recheio de casa e o crédito também lhe passa a ser negado. A má-língua de Macau não o poupa. Até o emprego fica por um fio, só o conservando devido à bonomia e complacência do chefe, senhor Ventura.

Miro pensa expulsá-la de casa, agora despida de móveis e do amor que ela parecia prometer-lhe para sempre. Mas Dina antecipa-se, lamenta a situação e implora que lhe arranje um trabalho, e convence-o a pedir ajuda ao seu bondoso chefe. No entanto, é ela que controla a situação e seduz o chefe de Miro, prestando-lhe especiais favores que ele generosamente vai pagando, dinheiro que ela divide a meias com Miro até este se livrar das dívidas. Nessa altura, entendendo que já tinha as contas saldadas, Dina informa-o que vai regressar às Filipinas. Ele fica aliviado e passa a ser um funcionário exemplar, mas sente remorsos por ter resolvido a sua situação à custa da exploração do seu chefe e, após ter conseguido algumas economias, decide ir pedir-lhe desculpa e devolver o dinheiro que Dina lhe tinha dado.

O que vem a seguir é a conclusão trivial de algumas das estórias peculiares de uma Macau de múltiplas faces, onde nem tudo o que parece é, já que Casimiro acabou por ser informado pelo chefe que Dina nunca tinha saído de Macau e era empregada doméstica em sua casa. E disse ainda que também tudo sabia acerca dos pagamentos feitos a Dina para ajudar Miro e da vida amorosa que esta repartida entre eles os dois.

‘TRIQUEXÓ DESTROÇADO’

‘Triquexó Destroçado’ é de uma grande beleza, e com recurso a uma linguagem cuidada, prosa com laivos de poesia, em que o autor descreve, de forma realista e bela, espaços degradados, habitados por seres humanos andrajosos, escravos do seu destino de ter que viver fundido com o seu riquexó, ganha-

-pão, abrigo e no final até quase caixão. Também é bem notório o poder maléfico das seitas e dos seus ‘padrinhos’.

Lui, o personagem principal, filho de cule, começa a trabalhar com o pai e quando a família consegue comprar um riquexó é como se tivessem adquirido um novo estatuto social. A morte do pai vai marcá-lo e não consegue perdoar à bonita Hong, concubina de um chefe das seitas, o facto de ela não ter prestado assistência ao pai quando este sucumbiu enquanto pedalava o riquexó que a transportava. Assustada, Hong caiu e ficou com a cara arranhada e são esses arranhões que vão nublar o futuro que Lui sonhava risonho: primeiro teve que trabalhar duro durante dois anos para pagar a indemnização, depois sem se aperceber acaba por adquirir um triquexó novo, que era o seu orgulho mas também foi a sua desgraça, já que não era um presente do senhor Kwan, ou do poderoso e incógnito patrão deste, mas algo que teria de pagar até ao último avo e com volumosos juros. A vida miserável, o consumo de droga, a falta de preparação para gerir o seu próprio negócio acabam por, mesmo tendo sido bafejado pela sorte numa noite de jogo num casino, empurrá-lo para uma vida de pedalar constante, como que em osmose com o seu triquexó, que inexoravelmente passa sem que ele se dê conta das mudanças que iam acontecendo na cidade e nele próprio.

O clímax acontece numa noite de tufão em que sai do seu triquexó para ajudar uma mulher caída no chão e com ferimentos e esta lhe diz para abandonar porque é a Hong. Lui fica louco de raiva, desprende o triquexó e saem ambos numa corrida desenfreada que só termina quando ‘uma árvore se compadeceu de ambos e desceu piedosa sobre o homem e a máquina fundindo-os num só corpo amalgamado’.³¹

‘A SENTENÇA’

‘A Sentença’ retrata acontecimentos reais

RECENSÃO

de Macau em que chineses da vizinha província de Guangdong vinham para Macau em busca do *el-dorado* e após imensas dificuldades alguns conseguiam enriquecer, mas tudo perdiam nos casinos e eram arrastados para a miséria, ficando submetidos aos braços tentaculares das seitas.

As personagens principais são dois jovens chineses: A-Yiu e Sam. A primeira é natural de Fukien e numa fabriqueta de vestuário prega botões todos os dias do ano, excepto no dia de descanso mensal e nos cinco dias de férias do Ano Novo Chinês. Por seu lado Sam, formado em Farmácia em Jinan, é o encarregado dessa fábrica.

O autor revela uma Macau onde uns vivem na miséria enquanto outros exibem luxos e, sobretudo, um espaço onde tudo pode mudar de um dia para o outro e os escravizados podem virar senhores. O jogo e a atracção que ele exerce desenrola-se num crescendo, acabando por levar à desgraça os que caem nas teias dos agiotas. De forma magistral o conto leva-nos para questões reais e sérias, como poder das seitas, exploração laboral, agiotagem e prostituição.

Mais um exemplo de uma abordagem de temas sensíveis de uma forma delicada, por vezes poética, como se o narrador tivesse o condão de entrar na alma das personagens para dar ao leitor uma visão da profundidade dos sentimentos, do peso da tradição e da realidade dos que lutam pelos sonhos e acabam perdidos e vencidos pela vida. Sublinhe-se ainda o vigor da doutrina confuciana no respeitante à solidariedade e autoridade dentro da família.

‘EQUILÍBRIO’

‘Equilíbrio’ desenrola-se em torno do senhor Leong, no período que vai desde os seus trinta anos, no início da Guerra do Pacífico, até aos noventa e tal em pleno período do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau pela República Popular da China. Apesar de ser nonagenário

mantem-se rijo de corpo e forte de espírito. Sempre fora e continuava a ser pragmático, ‘pouco dado à poesia e a explicações metafísicas’, procurando ‘estar de bem com deuses e demónios’ e a nunca ‘fechar portas’.³²

No Natal de 1941, Leong, comerciante de arroz, encontrava-se em Hong Kong onde assiste à invasão japonesa desta cidade. De certo modo consegue bandear-se com os ocupantes nipónicos e regressar a Macau onde os seus negócios prosperam a troco de algumas informações aos japoneses.

Quando a guerra terminou em 1945, os japoneses bateram em retirada, deixando Leong com muitos sacos cheios de notas bancárias emitidas pelos invasores nipónicos e, embora não perdendo a esperança de um dia as poder trocar por ouro, passou a fornecer as tropas portuguesas, a comer bacalhau e a beber vinho, sem nunca deixar de gostar da comida chinesa, mas enaltecendo a amizade com os portugueses e aprendendo a falar um pouco de português.

Depois, Leong viveu o difícil período do ‘Um, Dois, Três’, fazendo juras e mais juras de amor à China sem nunca deixar de fornecer os portugueses, mas aumentando o preço dos produtos.

Com duas mulheres em casa, oito filhos e uns quantos netos, Leong apaixonou-se por uma jovem mulher que lhe levou tudo, deixando-o apenas com a casa velha e desesperado, para não perder a face mas antes exigir, embora em vão, amor filial que lhe valesse naquele momento de aflicção. É então que contacta um advogado, filho de um ex-cliente que, desde há longos anos, lhe ficou a dever uma pequena quantia, e começa por lhe exigir o pagamento da dívida com os muitos juros acumulados. Mas fruto da conversa havida descobre que o terreno onde a sua casa está implantada, devido ao *boom* de construção civil, vale pelo menos cinco milhões de patacas. Em consequência o senhor Leong entregou ao advogado o papel da antiga dívida do pai deste

BOOK REVIEW

afirmando que doravante nada lhe devia e que estava apenas pagando a consulta.

A personagem principal, o Leong, faz-nos reflectir sobre a velhice, a luta contra as adversidades, algum começo de disrupção da moral confuciana e as normas sociais valorizadas pela sociedade chinesa, ao mesmo tempo que mostra aspectos fulcrais da história social de Macau.

‘VIDAS’

‘Vidas’ fala-nos de um rapaz e depois homem de quem se poderia dizer ‘tal pai tal filho’ ou ‘filho de peixe sabe nadar’. Filho de mãe incógnita e de pai trapaceiro que tudo lhe dá menos educação e amor, o rapaz logo se independentizou ao alcançar os seus quinze anos. ‘Profissão? Todas e nenhuma, porque o importante era fazer negócios sem ficha fiscal’,³³ de tudo vendendo e traficando influências com bons resultados económicos. Mas se esse congénito jeito para facilmente fazer dinheiro era herança paterna também a esta se devia o vício pelo jogo de fortuna e azar ao bilhar ou em salas de casino. Trilhando este duplo caminho o dinheiro rapidamente se evaporou e os objectos valiosos celeremente voaram para o prego. De nada lhe valeram preces nos templos chineses e consultas aos mais afamados geomantes com o fim de afastar o mau *fong soi* (feng shui), que segundo ele era determinante da evidente falta de sorte nos jogos de fortuna e azar.

Afogado em dívidas e atizado pelos cobradores, passou a ser correio da droga proveniente da Tailândia. O constante viajar lançou no seu encalço a Polícia de Macau, que ele conseguiu ir torneando graças a ‘amizades’ de alguns agentes policiais que o alertavam e permitiam que se fosse safando. Mas a polícia pediu a intervenção da sua congénere de Hong Kong, já que por aí transitava o viajante e a ‘mercadoria’. Posteriormente, a polícia da vizinha cidade recebeu uma informação anónima de que em determinado voo chegaria o nosso personagem com

‘um pote de barro cheio de droga dura’.³⁴

Detido, o próprio inspector-chefe da Polícia de Hong Kong partiu o pote à martelada e verificando que continha um pó branco logo o algemaram. Porém o preso continuou a reclamar a sua inocência e a presença de um advogado para o defender, como era seu direito. Após análise laboratorial do pó concluiu-se que era simplesmente farinha, pelo que além de libertar o meliante este foi indemnizado com trinta mil dólares de Hong Kong. Mas a Polícia de Macau montou-lhe uma armadilha em que foram apreendidos documentos comprometedores e tão grande quantidade de droga que determinaram a sua prisão imediata e efectiva.

‘DESENCANTOS’

‘Desencantos’ é uma narrativa dominada pelo personagem Zé Salvado, septuagenário, aposentado da Polícia Marítima. Roído de saudades e motivado pelas incertezas do momento decide regressar à sua Lisboa. Aí chegado instala-se numa pensão do Rossio e ruma ao pitoresco Bairro da Graça para relembrar os locais, tempos, amigos e primeiros amores da sua juventude. Mas, meio século depois, tudo é desilusão. O seu bairro, o bairro da sua memória, já não existe. E para cúmulo é assaltado em plena via pública. Regressa à pensão e telefona à irmã, que vive na outra margem do Tejo, no Fogueteiro. Espantada por este ter aparecido sem aviso prévio, não resiste ao impulso de um encontro imediato e de o convidar para se instalar em sua casa. A irmã, velha, viúva, enlutada e com netos é uma surpresa que vai absorvendo a pouco e pouco. Conhece também os sobrinhos, filhos dos irmãos entretanto já falecidos.

Depois Salvado pensa comprar uma quintinha próximo da sua terra natal, mas é levado a comprar um terreno em Coima, perto de Sesimbra. Enganado por lhe terem vendido um terreno não urbanizado e por um preço muito superior ao real valor e

RECENSÃO

ludibriado por um construtor civil que lhe ficou com dinheiro e nada construiu, resolveu deitar mãos à obra e edificar uma casinha por administração directa, mas aí intervêm as autoridades que lhe destroem a construção clandestina.

Aborrecido com os desaires, vendo que o seu país natal já não é a terra dos seus sonhos e, além disso, moído de saudades pelo *chau min*, pelos netos e por um estilo de vida a que estava habituado e estes anos fora ainda acerbaram, resolveu vender o terreno ainda que ao desbarato e regressar à sua terra adoptiva. Uma vez retornado fica de boca-aberta perante as extraordinárias mudanças de Macau, com aeroporto quase concluído, uma segunda ponte entre a cidade e as ilhas, prédios novos, uma Macau bem diferente daquela que deixou há bem poucos anos. Mas há coisas que permanecem, nomeadamente o ‘Solmar, teimoso sobrevivente do malinguar macaense’,³⁵ onde ele desabafa com o autor-narrador, queixando-se das mudanças e manifestando saudades da sua antiga casinha em Coloane. Este encontro termina de forma patética, porque, ao salientarem que há cada vez mais turistas, Salvado fica animado ao ver uma mulher que ele diz ser ‘material russo e do bom’ e vai ao seu encaço, mas ela tinha ‘a mão mais ágil do que o seu tamanho’³⁶ e deu-lhe um estalo, evidenciando este comportamento que Salvado se mostra também desorientado, porque a Macau que encontrou já difere muito daquela que deixou aquando da sua partida para Lisboa.

Um breve conto em que de forma magistral se descrevem encantos e desencantos de um personagem, encarnando um grupo social bem expressivo quando se fala dos portugueses, que se sente dividido entre a sua terra natal e a terra que o acolheu e que passou a amar, não se sentindo pertencer plenamente a nenhum destes espaços afectivos, como que perdido entre duas terras que os mares separam.

NOTAS SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO³⁷

A tradutora foi Iok Lan Fu Barreto, natural de Macau, licenciada nos cursos de Tradução Português–Chinês, de Literatura Inglesa, e de Administração Pública, e doutorada em História, com especialização em Museologia, tendo sido directora do Museu de Macau, e actualmente é investigadora, com vários trabalhos de investigação e de tradução literária já publicados. E assim tanto pelo nível académico como pela sua experiência de vida, simultaneamente submergida nas culturas de língua chinesa e de língua portuguesa, revela naturalmente excelente capacidade em tradução português–chinês.

Torna-se importante ressaltar que se registou um lapso de tempo, de mais de 20 anos, entre a tradução da obra, na sua primeira edição, e os cinco contos que foram incluídos na versão bilingue, tendo todos eles sido traduzidos pela mesma tradutora, Iok Lan Fu Barreto. Tanto na primeira fase de tradução, como na segunda (traduções dos referidos cinco contos e revisão dos restantes quinze), esta foi feita num contexto de amizade, sem fins lucrativos e sem prazos, tendo a tradutora acesso directo ao autor António Correia, o que lhe permitiu tirar dúvidas e ter a visão do próprio sobre a interpretação autêntica da sua escrita.

É de destacar que a tradutora conhece bem o contexto de Macau e se movimenta facilmente nas duas culturas das línguas de partida (português) e de chegada (chinês).

Para além desta obra, a mesma tradutora é também responsável pela tradução da obra poética *Fragments* da autoria do mesmo António Correia, tendo o professor Ngai Iek Kin (危亦健), poeta e prosador chinês de Macau, em artigo publicado no *Macao Daily* (de 10 de Maio de 1995), sob o pseudónimo Tou Lei (陶里), afirmado que esta tradutora ‘ao traduzir poemas estrangeiros mantém o sentido original e o sabor da poesia chinesa, sem trazer nenhum tom de “tradutês” [...] penso que a

BOOK REVIEW

tradução desta colecção de poesia mostra realmente os talentos literários bilingues (ou multilingues) da tradutora’.

A tradução foi feita para chinês tradicional, usualmente utilizado em Macau, e teve em conta as características linguísticas de Macau, o que por um lado permitiu transmitir de forma mais precisa a realidade de Macau, mas, por outro lado, torna difícil a sua disseminação junto do público chinês (no Interior da China) que na sua maioria usa o chinês simplificado.

As barreiras linguísticas existentes entre vários das personagens levaram a situações caricaturas, como em ‘Três Dólares’ e ‘My Club’, sendo este um desafio já que a tradução tem que reflectir essa intrincada e arvesada comunicação linguística, por vezes realizada com recurso ao inglês, para não correr o risco de a mensagem original se tornar incompreensível e de forma a produzir o efeito de suspense presente no texto de partida.

Segundo a tradutora o seu principal objectivo consistiu em transmitir a mensagem do autor e imprimir ao texto de chegada o sabor de Macau, tendo para tal realizado um minucioso trabalho de pesquisa sobre as realidades focadas nos *Contos*, como no caso dos nomes dos lugares, ruas, lojas, etc., visto que em muitos casos estes já não existem e, por vezes, apresentam nomes totalmente diferentes em português e chinês.

As questões culturais foram um dos aspectos sensíveis tidos em conta no processo tradutório, revelando a tradução uma elegância e respeito pelo original e uma sensibilidade face aos aspectos que poderiam causar choques culturais.

Para a tradutora os *Contos* estão escritos numa linguagem simples, clara, onde não há ambiguidade, pelo que na revisão se concentrou em melhorar alguns aspectos linguísticos e não a essência da mensagem porque ‘a interpretação/o significado continua o mesmo’. Considera ainda que neste texto

‘o rigor histórico não é tão importante’ visto tratar-se de ‘memórias’ pessoais, sendo necessário garantir ‘o respeito pelo autor, pela mensagem e pelo leitor da tradução’, recorrendo-se, quando necessário, ‘a notas explicativas para melhor explicitar o que o autor quer transmitir’.

Mais do que uma técnica a tradução é uma arte, porque o tradutor ao servir de ponte entre dois diferentes sistemas linguísticos não busca apenas encontrar palavras que possam materialmente equivaler-se, mas termos com conceitos tão equivalentes quanto possível, entendendo-se por termo a palavra ou conjunto de palavras que expressam um conceito com exactidão. Cada palavra transporta um mundo cultural, podendo na língua segunda esse mundo ser mais alargado ou pelo contrário ser mais exíguo. Por isso para bem exercer o seu múnus, o tradutor deve, tanto quanto possível, ter iguais competências culturais nas duas línguas de trabalho, vivenciando-as em paridade qualitativa. E essas competências são sobretudo um saber de experiência feito.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Estas narrativas são prosa e são poesia. São conto e, simultaneamente, quase crónica. São realismo, mas também ficção. Revelam alguma influência do estilo de Miguel Torga.

A maioria das personagens pertencem aos estratos mais baixos da sociedade, mas há também alguns da classe média e até superior. Descrevem-se ambientes de miséria moral, social e económica, mas também muitos dos dilemas e sentimentos de quantos vieram para Macau, um tanto de todo o mundo, mas especialmente da Europa e da Ásia, e acabaram divididos entre a sua terra de origem e a terra adoptiva.

Saudade, miscigenação, dificuldades linguísticas com lugar a equívocos, porto de abrigo e centro de espionagem, migração, jogo, agiotagem,

RECENSÃO

prostituição, entre outras chagas sociais, tudo é pintado com realismo e sempre com subtil crítica, fina ironia ou sarcasmo.

Em certo sentido poderemos classificar a ideologia decorrente das cenas e locais visitados como expressão de um certo neo-orientalismo português porque a realidade é, em parte, vista pela óptica dos valores do Ocidente, embora não com a vincada marca da superioridade que caracterizava o orientalismo, mas numa perspectiva de irmandade com ‘outro’, acertando o passo com o momento de transição que então se vivia.

Verifica-se um constante cruzamento entre a crónica e a arte de escrever contos totalmente imaginados, respirando-se respeito e compreensão pelos diferentes valores em contrastação, tratando-se de contos exemplares imbuídos de uma certa moralidade que pretendem despertar o leitor para uma Macau que tanto pode ser a ‘desgraça’ como a ‘salvação’ das diferentes personagens.

Cada conto é uma unidade independente porque tem um conteúdo e efeito autónomos,

inteligíveis e completos, mas no seu conjunto formam uma unidade identitária em que subjacentemente surge como personagem colectiva diferente e autónoma: Macau. Têm situações e personagens que se continuam em diferentes contos e cujas acções surgem numa lógica de ligação e desenvolvimento a anteriores. Anote-se que para a unidade da obra relevam tanto elementos textuais como paratextuais. Constata-se a concretização da moderna teoria dos contos ao referir como sua característica a existência simultânea na narrativa de personagens aparentes ou evidentes e personagens escondidas ou subjacentes.

Esta obra versa temas tratados na escrita de Macau por outros autores, dos quais destacamos Deolinda da Conceição e Henrique de Senna Fernandes, revelando uma capacidade de captar a alma de Macau e das suas gentes em contos breves, mas densamente povoados de espaços, pessoas, sentimentos e situações vividas num tempo e num lugar perfeitamente definidos: Macau no último quartel do século XX. **RC**

NOTAS

- 1 *Ou Mun* é o nome chinês de Macau em cantonense, dialecto falado local.
- 2 A *Revista Macau* é uma publicação noticiosa e cultural do Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, estando disponível em <https://www.revistamacau.com.mo/>.
- 3 A 2.^a edição foi publicada pela LITS — uma empresa de Macau com presença nas áreas da cultura e da tradução.
- 4 José Carlos Seabra Pereira, *O Delta Literário de Macau* (Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015), 392–399.
- 5 Pereira, *O Delta Literário*, 392.
- 6 Orlando Neves, prefácio a *Contos de Ou Mun*, de António Correia (Macau: LITS, 2020), 13.
- 7 Correia, *Contos de Ou Mun*, 19.
- 8 Correia, *Contos de Ou Mun*, 26.
- 9 Correia, *Contos de Ou Mun*, 42.
- 10 Correia, *Contos de Ou Mun*, 61.

- 11 Correia, *Contos de Ou Mun*, 61.
- 12 Correia, *Contos de Ou Mun*, 72.
- 13 *Ma ma san* ou *mamasan* refere-se geralmente a uma mulher em posição de poder, especialmente as responsáveis pelas casas de *geishas*, bares ou clubes nocturnos.
- 14 Correia, *Contos de Ou Mun*, 73.
- 15 Correia, *Contos de Ou Mun*, 73.
- 16 Correia, *Contos de Ou Mun*, 76.
- 17 Correia, *Contos de Ou Mun*, 85.
- 18 António Correia é autor dos livros *Amor Felino* (2009) e *Amor Canino* (2016).
- 19 Nome dado aos pauzinhos usados pelos chineses para comer.
- 20 Correia, *Contos de Ou Mun*, 96.
- 21 Correia, *Contos de Ou Mun*, 97.
- 22 Correia, *Contos de Ou Mun*, 105.
- 23 Correia, *Contos de Ou Mun*, 105.

BOOK REVIEW

- | | |
|---|--|
| <p>24 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 106.
 25 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 108.
 26 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 115.
 27 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 118.
 28 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 123.
 29 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 133.
 30 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 158.
 31 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 189.</p> | <p>32 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 210.
 33 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 221.
 34 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 223.
 35 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 237–238.
 36 Correia, <i>Contos de Ou Mun</i>, 239.
 37 Sobre o processo tradutório desta obra estivemos à conversa com a tradutora, em Setembro de 2023, decorridas mais de duas décadas após a primeira fase de tradução.</p> |
|---|--|

BIBLIOGRAFIA

Correia, António. *Contos de Ou Mun* 澳門故事. Traduzido por Iok Lan Fu Barreto 傅玉蘭. Macau: LITS, 2020.
 Neves, Orlando. Prefácio a *Contos de Ou Mun*, de António Correia. Macau: LITS, 2020.

Pereira, José Carlos Seabra. *O Delta Literário de Macau*. Macau: Instituto Politécnico de Macau, 2015.

